

LUZ

“Que a luz faça-se!”. E que creiamos que ela se fêz? A luz fez-se!

É propriamente incrível que isso esteja antes da entrada na ESCRITURA. Isto é o que chamarei um sintoma - Típico do Real.

Porque é bem da luz em seu Real que é feito o franqueamento da ciência. Não apenas certamente mas entre outras.

Vocês sabem também que a luz, a noção de sua velocidade, precisamente basta para nos dar do Real uma mensuração absoluta. E é simultaneamente disto que se demonstra a relatividade.

Que lance de sorte para os crentes senão este incrível! No entanto isto não suscita obrigatoriamente neles, sabemos, um gosto particular pelas **LUZES**, no sentido de AUFKLARVNG (Luzes).

Não se deixem impressionar demasiadamente por este lance de sorte. Para lhes remeter a isto basta constatar o que se esclarece só depois:

Um tal desconhecimento da diferença radical dos “luminares”, lua e sol, em relação à dita luz.

O que mais me deixa bobo é que a evidencia colocada sobre a fala criativa vai no meu sentido.

Simplemente atribuir o insuportável da luz à fala é uma confusão. Isso não vai absolutamente em meu sentido.

O que o inconsciente demonstra é toda uma outra coisa, ou seja, que a fala é obscurantista.

Imputo bastante mal feitos à fala para lhe render graça aqui por esse obscurantismo. É seu bem feito mais evidente.

Já apontei, nos primeiros tempos de meu ensino, a função no ultrapassamento do simbólico destes pirilampos que se chamam as estrelas. As estrelas não dão muita luz. É no entanto delas que os homens são esclarecidos, o que lhes permitem descobrir a felicidade que eles experimentam da noite transparente.

O obscurantismo próprio à fala redobra da crença na revelação que imputa a Deus o “Que a luz faça-se”. Quando isso se triplica de filantropia se quadruplica de progressismo, é noite negra.

Quando as estrelas se apagam isso implica nisso: “O desejo dos homens é de se socorrer uns aos outros para melhor ser”

Eu recebi pelo correio, eu pedi que me escrevessem... Pois bem, foi bem feito para mim.

É preciso dizer que à pessoa que me escreveu isto não pedi nada, pela simples razão que ela não vem mais a meu Seminário há muito tempo.

Françoise Dolto, já que é dela que se trata, me enviou também uma cartinha que me distraiu durante essas férias, que aliás não tirei.

É uma cartinha para dissipar “o mal-entendido”.

Ela gosta muito de mim, diz ela, essencialmente, a tal ponto que não pode suportar que a Escola seja dissolvida.

E porque? Eu a escolho?

Porque a Escola “sou eu”.

É seu axioma. Então, obrigatoriamente, dissolver a Escola seria me anular, a mim. E é isso que ela não quer.

Há uma palha, é que sou “eu” quem dissolve a escola. Isso não a detém, e aliás nada a detém.

Ela imagina que eu me auto-destroo. É por isso que de acordo com o seu princípio filantrópico ela vem em meu socorro.

Vejam como tudo isso se sustenta. É lógico vê-se que isso não sacrifica nada à verossimilhança.

Se fosse justo, isso faria de mim um cara tipo Sócrates. Sócrates desejou sua morte e obteve da mão daqueles mesmos aos quais ele tinha estendido os seus benefícios.

Isso não lhe foi mal sucedido, aliás já que sua morte se tornou exemplar.

Mas felizmente para mim, jamais disse que a Escola Freudiana sou eu. Bem teria também podido dizer... Senhora Dolto Sou eu.

Há aqui, parece quem acredite. Pois bem é um erro.

Não me identifico em absoluto a *Françoise Dolto* e tão pouco à Escola freudiana. É exatamente o que justifica me atrelar às pressas à Causa Freudiana.

O que existe disso já é suficiente para me desidentificar à escola.

Jamais tive outra visada quanto ao meu ensino, senão de mantê-lo em seu nível. Faço agora o que é preciso para preservar o que é capaz de dar àqueles que se colocam em seu rastro.

Mas meu ato já demonstra que o Real em jogo na experiência não está limitado em princípio à simples subsistência da Sociedade Psicanalítica.

A sutileza de meu procedimento se sustenta disto e não apenas não exclui ninguém como também acolho a todo mundo.

Tenho de deplorar que meu significante se verifique apto a veicular não importa que blaque? (Piada). Estou plenamente satisfeito com isso bem ao contrário já que não digo outra coisa.

Mas, afinal de contas a piada é tanto melhor quanto é curta. Foi o que me inspirou abreviar o que agregando-se de mal-entendidos estagnava um impasse inclusive se petrificava como fraude.

Além do que não gosto disto, não tenho necessidade de anatemizar aqueles que gritam que me amam, a injúria à boca pela boa razão que a fraude como tal é fonte de angústia.

Ainda que não sempre em seus agentes ou suas últimas mas, em seus descendentes. É por isso que eu tenho mal presságio do que farão aqueles que eu aponte com o termo falsários e que não me preocupo tão pouco com isso.

A experiência Psicanalítica dá um lugar eminente à função do engodo por si suportar a função do Sujeito-suposto-saber. É o que explica que se o engodo se torna fraude. Não há retorno aí.

Teci no curso do que disse, minhas respostas à alguns daqueles que me escreveram e que se reconheceram.

Há ainda alguém que me pergunta se não me imaginária ser infalível.

Não sou daqueles que recuam diante do tema de sua certeza. É o que me permitiu romper com o que estava cristalizado. Gelificado na prática de Freud em uma tradição da

qual é claro que tamponava toda a transmissão. Então inventei o que reabriu a vocês um acesso à Freud que não quero ver se fechar.

Não farei a fina boca (esnobe) me reconhecer infalível, mas como todo mundo, ou seja no nível da verdade que fala e não do saber.

Não me tomo pelo Sujeito do saber. A prova disso - É preciso que eu lembre - o SsS fui eu quem inventei, isso é precisamente para que o psicanalista o que é o natural pare de si crer, quero dizer, idêntico a ele (SsS).

O SsS não é todo mundo, nem ninguém, não é “todo Sujeito” mas também não é um Sujeito “nomeável” ele é “algum Sujeito”. É o visitante da noite ou melhor, é da natureza do signo traçado pela mão do Anjo na porta. Mas assegurado de existir por não ser ontológico e de chegar não se sabe de onde.

Eu estarei aqui na segunda, terça-feira de maio.

15.04.1980.

(J. Lacan - Seminário Dissolução -Ornicar N° 22,23)